

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP  
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLII  
ÁREA CIÊNCIAS HUMANAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

## O “DIA DO ÍNDIO” ENTRE OS KARIPUNA: A COMEMORAÇÃO DO 19 DE ABRIL NA ALDEIA MANGA

*Acadêmica:*

***Naia Forte dos Santos (turma 2010)***

*Orientação:*

*Carina Santos de Almeida*

### **Resumo:**

O tema de pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso foi o dia 19 de abril, o “Dia do Índio”. Essa data para o povo Karipuna tem grande importância, nesse dia de comemoração promove-se a cultura e o movimento indígena. Os povos indígenas do Brasil, representados por suas lideranças reúnem-se há alguns anos nessa data para lutar por suas terras demarcadas e pelos direitos indígenas frente ao governo brasileiro, o não índio não respeita a nossa cultura e os nossos costumes, não percebe que somos parte do povo brasileiro. A temporalidade de estudo de minha pesquisa envolveu as memórias pessoais de meus narradores que recordam suas experiências desde a década 1950 até o presente, assim, primeiro estabeleci quem seriam as pessoas para serem entrevistadas, em seguida realizei as entrevistas com pessoas que são reconhecidas como lideranças entre o povo Karipuna da Aldeia Manga, tanto na política indígena quanto na educação escolar indígena. Pesquisei sobre como acontecia a comemoração dessa data no passado, como acontece atualmente e como surgiu na Aldeia Manga a “tradição” de comemorar o “Dia do Índio”. Nesse sentido, procurei compreender como era realizada a comemoração e quem eram os responsáveis pela organização do evento, percebendo neste período de tempo, desde os anos 1950 até hoje, as mudanças que se sucederam na comemoração do “Dia do Índio”. Nesse trabalho

busquei saber informações das pessoas mais antigas da comunidade e da escola, assim, entrevistei 8 pessoas. Um dos meus entrevistados preferiu que eu escrevesse as perguntas para que ele me respondesse, todos os outros cederam uma entrevista através de gravação de áudio pelo celular, assim, antes de fazer a entrevista, costumava conversar primeiro para explicar os motivos dela e depois então realizava a entrevista, momento em que a pessoa me contava como era essa comemoração do dia 19 de abril e tudo que lembram desde quando eram crianças e jovens até os dias atuais. A comemoração do “Dia do Índio” nos dias de hoje teve muitas mudanças, antigamente a comunidade era responsável pela comemoração, mas com o passar do tempo já não a realizava, assim, hoje quem fica com a organização desse evento é a escola da Aldeia. Nesse ano de 2017 o “Dia do Índio” foi diferente, aconteceu como um “fórum” que reuniu todas as etnias indígenas do Amapá, contou com a presença do governador do Estado, ocorreu reuniões com os órgãos de assistência aos povos indígenas, como o “super fácil” que veio expedir documentos, os bombeiros e os médicos que prestaram apoio para atender a comunidade na realização dos jogos e brincadeiras desenvolvidas.

**Palavras-chave:**

“Dia do Índio”, Comemoração do dia 19 abril, Povo Karipuna, Aldeia Manga.

## INTRODUÇÃO

Sou Naia Forte dos Santos, nasci no dia 19 de julho de 1986, moro na Aldeia Manga, sou da etnia Karipuna e professora desde 2008 na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Inicie a Licenciatura Intercultural Indígena (LII) no ano de 2010, fiz esse curso com o objetivo de ter um nível de estudo mais alto, pois eu já estava já trabalhando como professora na minha aldeia e isso seria muito importante para meu conhecimento enquanto docente e também para ajudar minha comunidade. Assim, eu poderia ajudar a resolver alguns problemas que os alunos enfrentam na escola com os professores que não são da própria aldeia, que muitas vezes prejudica a nossa educação indígena. Esse curso foi uma oportunidade para a educação escolar indígena melhorar nas aldeias.

O tema que escolhi foi o dia 19 de abril, mais conhecido como “Dia do Índio”. Foi um tema que a professora Rejane Candado, antiga professora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), sugeriu para eu pesquisar porque o dia do índio é uma data muito comemorada nas aldeias indígenas, assim, com essa pesquisa eu estudaria como era realizada essa comemoração no tempo passado e no presente.

O “Dia do Índio” é importante porque é o momento em que nós estamos reunidos todos juntos, brincando e dançando na aldeia. É um dia que todos estão bem vestidos, pintados com seus trajes indígenas, para o povo Karipuna essa data simboliza os valores de uma cultura viva. O povo Karipuna do rio Curipi iniciou a comemoração dessa data do “Dia do Índio” na Aldeia Santa Isabel e na Aldeia Espírito Santo, primeiras aldeias que comemoravam o 19 de abril. Com o surgimento da Aldeia Manga na década de 1970 os novos moradores continuaram a comemorar essa data do dia 19 de abril, contudo, dando continuidade de maneira diferente, devido aos novos contatos com as novas tecnologias na aldeia.

A Aldeia Manga junto com a Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá comemora historicamente o “Dia do Índio” em 19 de abril com a realização de uma grande festa do povo Karipuna. Em tempos passados, este evento era realizado seguindo um planejamento. As pessoas da comunidade ajudavam com seu trabalho, não precisava chamar atenção de ninguém e todos se envolviam na organização deste evento. Os pais de alunos da escola ajudavam na preparação e já sabiam suas obrigações para a realização dessa festa. Mas com o passar do tempo as pessoas deixaram de participar, não queriam mais saber disso, sobretudo, a partir da chegada de diversas religiões, quando muitos abandonaram os costumes como nossa dança tradicional, o Turé.<sup>1</sup>

As lideranças juntamente com a escola promovem antes da chega dessa data uma grande reunião com a comunidade e os pais dos alunos, momento em que dizem como será comemorado o “Dia do Índio” na aldeia. Nessa reunião destacam como deve ser organizado o evento, indicam o trabalho de cada pessoa da comunidade, como os funcionários, professores e alunos da escola, bem como os pais e os familiares vão participar na festa.

Todos são envolvidos na comemoração do “Dia do Índio”. Os homens constroem os instrumentos, como o arco e a flecha. Em tempos passados era papel dos homens ir ao mato

---

<sup>1</sup> “Turé é uma festa de agradecimento às pessoas invisíveis que vivem no outro mundo, chamadas Karuãna, pelas curas que propiciaram por meio das praticas xamânicas dos pajés. Os pajés dançam, cantam e bebem muito caxixi com os Karuãna que vem ouvi-los cantar várias vezes sem repetir o canto. O Turé é feito no lakuh (higiw) cercado por varas chamadas de pirorô (gaianyu) que são enfeitadas com bolas de algodão (kotõ/mauru/mawru) é ligada por fios onde são presas penas brancas de garça (plim/yssivigrit). Pode ser realizado a qualquer momento, mais o verdadeiro Turé é feito durante a lua cheia de outubro, quando são feitos os grandes bancos Cobra Grande e Jacaré, pintados os mastros e levantado o lakuh. O banco do pajé fica no pé do mastro principal, ao lado do pakará, o cesto onde ele guarda o maracá, cigarro de tawari e outras coisas. Ele canta para chamar os Karuãna, que somente ele pode ver e usar o maracá e o cigarro de tawari para viajar aos outros mundos.” (TURE, 2009, p.11).

para retirar as varas que serviam para a construção do Laku<sup>2</sup>. Hoje em dia são os alunos e alunas da escola que fazem a retirada destas varas no mato. As mulheres tem que fazer os artesanatos, como os colares, as pulseiras, a coroa, a saia e a blusa de miriti, e devem também ir até a roça para retirar a mandioca, a batata e a cana para produzir o caxixi<sup>3</sup> para servir na festa.

A data comemorativa do “Dia do índio” é compreendida como um momento de manifestação e luta pelos direitos de igualdade dos povos Indígenas. Essa comemoração surgiu no Brasil em 1943 quando o presidente Getúlio Vargas instituiu a comemoração por força de lei:

DECRETO-LEI N. º 5.540, DE 2 DE JUNHO DE 1943

Considera ‘Dia do Índio’ a data de 19 de abril.

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, e tendo em vista o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, reunido no México, em 1940, propôs aos países da América a adoção da data 19 de abril para o ‘Dia do Índio’,

DECRETA:

Art. 1º É considerada – ‘Dia do Índio’ – a data de 19 de abril.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 2 de junho de 1943, 122º da Independência e 55º da República.

Getúlio Vargas.

Apolônio Sales.

Osvaldo Aranha.

Mas essa data comemorativa surgiu em 1940 com a realização do Primeiro Congresso Indigenista Interamericano no México. As comemorações do “Dia do Índio” começaram em 1946 no Brasil, com o apoio do Conselho Nacional de Proteção aos Índios/CNPI, presidido pelo Marechal Cândido Rondon:

O Brasil, do mesmo modo que as demais Nações americanas, começará festivamente este ano o Dia do Índio, escolhido pelo Instituto Indigenista Interamericano para celebrar a memória dos primitivos povoadores da terra americana e para homenagear as tribos silvícolas remanescentes, que ainda representam um patrimônio humano de real. (CNPI *Apud* BRANDÃO, 2011, p.268).

---

<sup>2</sup> O *Lakuh* é o local onde se realiza a festa do Turé. Ele forma um círculo bem grande onde acontece a dança do Turé. Sua estrutura circular é feita com varas que são retiradas do mato, estas varas são interligadas por um fio com algodão e penas de pássaros penduradas. No meio do Laku se localiza dois mastros adornados com pano vermelho.

<sup>3</sup> Caxixi é uma bebida típica do povo Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi-Kalinã e Palikur. É feito pelas mulheres a partir da mandioca. Para produzir o caxixi primeiro se mistura a batata doce com o caldo de cana, em seguida se adiciona o beju da mandioca. Apos isso, essa bebida fica um ou dois dias em descanso. No dia do evento as mulheres vão escoar o caxixi para permanecer apenas com o líquido que será servido no dia da festa. O caxixi somente é consumido durante as festas da aldeia ou quando estamos em manifestação pelo direito do nosso povo.

Os povos indígenas não comemoravam o “Dia do Índio” antes de 1943, essa data colocou os indígenas no calendário anual de comemorações no Brasil, contudo, sempre fomos discriminados e esquecidos por todos, apesar de sermos os primeiros habitantes do Brasil. Nas últimas décadas nós povos indígenas conseguimos apoio de vários órgãos para nossas causas indígenas, lutando pelos nossos direitos em tantas manifestações, ter o direito de uma data em nossa homenagem, o dia 19 de abril, que representa um dia de glória para nós comemarmos essa data tão especial. O 19 de abril não poderia deixar de existir por ser um dia que toda a aldeia se junta, todas as etnias se reúnem, manifestado e comemorado o “Dia do índio”, se deixarmos de comemorar essa data, estaremos deixando de lado nossa cultura e o que os mais velhos nos ensinaram a valorizar.

As comemorações do “Dia do Índio” instituídas a partir da década de 1940 se tornaram eventos realizados anualmente nas aldeias e postos indígenas no país, assim como ocorre com o povo Karipuna que comemora esta data há décadas. Lembro-me quando era pequena que nós sempre dançávamos no dia 19 de abril, todo mundo junto, saía uma grande festa, sempre era em frente ao “casarão” da comunidade que acontecia a dança do Turé, muita gente de fora vinha olhar nós dançar, as nossas mães sempre estavam a fazer essa comemoração, toda a comunidade estava pronta para realizar esse evento. Os nossos pais eram envolvidos nessa comemoração, toda a comunidade participava nesse dia de grande festa. A aldeia toda estava envolvida no movimento da comemoração do “Dia do Índio”.

Comecei a trabalhar na escola Jorge Iaparrá no ano de 2008, desde esse ano a escola tem como objetivo e responsabilidade realizar a comemoração do dia 19 de abril. Nós professores sempre estamos à frente para organizar a dança do Turé, as crianças do ensino infantil são as primeiras a dançar, depois são os alunos maiores que vão dançar o Turé, cada professor fica responsável pela sua turma. Tem anos que acontece brincadeiras que envolvem somente alunos, a comunidade fica de fora dessa comemoração, essas brincadeiras acontecem apenas pela manhã, pela parte da tarde fica para a comunidade realizar a dança do Turé ou outra programação.

Recentemente, no ano de 2015 o “Dia do Índio” 19 de abril foi comemorado de maneira diferente. A escola não realizou a dança tradicional, não comemorou com o Turé. A escola comemorou no dia 17 e 18 de abril com várias brincadeiras e jogos, com futebol,

vôlei, cabo de guerra, canoagem, corrida livre, encerrando com um desfile de alunos apresentados com vestimentas tradicionais indígenas.

No ano de 2016 a escola Jorge Iaparrá realizou o dia 19 de abril como todos os anos anteriores, foi feito apenas uma representação da Dança do Turé por falta de pajé. Como não temos mais pajé na Aldeia Manga, não podemos fazer uma grande festa da Dança do Turé, a comunidade não se manifesta mais para fazer essa comemoração, assim, a escola não deixa de fazer, apesar de ser apenas uma pequena representação com um momento de celebração no dia 19 de abril. A escola não esquece desse dia tão importante que é o “Dia do Índio”.

Contudo, no ano de 2017 o “Dia do Índio” na Aldeia Manga foi diferente. Nós povos indígenas sabemos que essa data marca a conquista de nossa autonomia, guarda o respeito a língua materna e cultura, o direito de trabalhar em nossas aldeias em parceria com vários órgãos. Em 2015 surgiu mudanças na forma de comemorar o “Dia do Índio”, assim, aconteceu o primeiro Fórum organizado pelo governo do Estado do Amapá na Aldeia Kumarumã, esse ano de 2017 o Fórum foi realizado na Aldeia Manga. O objetivo de sua realização exatamente em comemoração ao “Dia do Índio” é exigir vários direitos nossos junto ao governo do Estado, como a construção de escolas e postos de saúde, melhorias na nossa água e na geração de energia, o cumprimento da alocação das aldeias da BR-156, entre outras.

Na Aldeia Manga temos outros momentos comemorativos como a “Semana Cultural” que a escola realiza no mês de novembro. Esse evento promove uma “mostra de trabalhos” sobre a cultura Karipuna, enfatizando a importância da língua Kheul, com destaque para nossas tradições como a dança do Turé. Contudo, muitas pessoas não participam mais como no passado. Noutros tempos havia uma grande festa de comemoração do “Dia do Índio” em 19 de abril, data tão importante para todos os indígenas.

Optei por realizar entrevistas como metodologia neste trabalho porque eu não saberia como começar a falar do “Dia do Índio” no passado. As entrevistas em meu trabalho ajudaram a desenvolver o tema de pesquisa, o “Dia do Índio”, e, como não existem livros que explicam e abordem esse tema, como acontecia e acontece essa comemoração, as entrevistas me ajudaram a explicar sobre o assunto. Com as entrevistas eu comecei a entender como acontecia essa comemoração e como era a programação do 19 de abril, seja

no passado, como no presente. Procurei compreender como as pessoas mais antigas faziam para comemorar essa data, como eram as festas no passado e como é diferente hoje, percebi que houveram muitas mudanças e que sem essas entrevistas eu não conseguiria fazer meu trabalho.

As entrevistas que realizei com as pessoas foram bem-sucedidas. Cada entrevistado me recebeu muito bem, eles estavam disponíveis para responder cada pergunta que eu fazia para eles. Alguns ficaram um pouco tímidos para falar, mas deixei eles bem à vontade para pensar e responder cada pergunta. Eu tive algumas dificuldades para realizar as entrevistas, como a procura por pessoas mais idosas da comunidade, pois umas disseram que não lembram mais da comemoração desse dia no passado, o dia 19 de abril, outras pessoas não quiseram me dar uma entrevista. Nas minhas entrevistas eu usei um celular para gravá-las, porque muitos entrevistados não queriam ser filmados e sim apenas aceitavam gravar o áudio, acredito que eles se sentiam melhor com a gravação em áudio para poder fazer a entrevista. Depois de cada entrevista eu fiz as transcrições no computador das falas dos entrevistados.

Para este trabalho foram entrevistados oito (8) pessoas que são lideranças da comunidade Manga: 1) o cacique Luciano dos Santos, nasceu no dia 05 de dezembro de 1947 na Aldeia Santa Isabel e há anos é o cacique da Aldeia Manga; 2) Josimar dos Santos, nasceu no dia 04 de junho de 1981 na Aldeia Manga, é professor e diretor na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá na Aldeia Manga; 3) Maria Sônia Aniká, nasceu no dia 24 de dezembro de 1965 na Aldeia Manga, é professora na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá na Aldeia do Manga há 24 anos; 4) Estácio dos Santos, nasceu no dia 10 de dezembro de 1968 na Aldeia Manga, atua como professor no Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI) e como professor há 26 anos; 5) Nara Aniká, nasceu no dia 08 de novembro de 1984 na Aldeia Manga e é professora e ex-diretora Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá; 6) Ducilene dos Santos, nasceu em 10 de janeiro de 1967 e atua desde 2013 como professora na escola Jorge Iaparrá; 7) Carlos dos Santos Anicá, nasceu 05 de abril de 1966, trabalha na agricultura, membro da comunidade e ex-cacique na Aldeia Manga; 8) Robersoni Dos Santos Anicá, nasceu no dia 11 de novembro de 1971 na Aldeia Manga, é professor desde de 1994, na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá na Aldeia do Manga

atuou 16 anos, hoje é professor no Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI).

## 1. A COMEMORAÇÃO DO “DIA DO ÍNDIO” ENTRE OS KARIPUNA NOS TEMPOS PASSADOS

O cacique Luciano dos Santos nasceu no ano de 1947, em sua entrevista realizada no dia 30 de julho de 2016, disse que o “Dia do Índio” é um dia muito importante para todas as etnias dos povos indígenas do Amapá, Karipuna, Palikur, Galibi–Marworno, Galibi do Oiapoque, porque nessa data ficamos reunidos para mostrar a nossa cultura. O cacique acredita que a comemoração do “Dia do Índio” já existia antes dele nascer, “[...] aí já foi criado desde quando eu nasci, que é o dia 19 de abril, que a gente sempre comemora o dia do índio, que é dia 19 de abril.” Nesse sentido, explica também que cada comunidade tem a sua comemoração: “Aí cada etnia comemora na sua comunidade, faz aquele festival cultural, a gente acostuma a fazer todo ano.” Recorda o cacique que no passado o governo sempre dava um pequeno apoio com ajuda para realizar a comemoração do “Dia do Índio”. Lembra que a comunidade ficava toda reunida e aí acontecia aquele “aniversário do dia de 19 de abril”, o cacique explica que faziam aquela festa comemorativa com uma dança cultural ou ainda com forró, “[...] era assim que costumava ser realizado esse dia”.

A escola da Aldeia Santa Isabel junto com os professores realizava a comemoração do “Dia do Índio”, explica o cacique que começava às 8 horas da manhã, com o hasteamento da bandeira do Amapá e do Brasil, quando se cantava o hino nacional e da independência do país. Os hinos eram cantados todo o tempo em português, inclusive, toda a comunidade falava o português na aldeia e durante a festa. Lembra o cacique que primeiro ele aprendeu a falar o português, não sabia falar o Kheul, afirma que “[...] olha, aprendi com a minha mulher, ela que me ensinou o patuá, ela que falava o patuá, minha mãe e meu pai não falavam o patuá com nós, o patuá depois de me amigar com a mãe de vocês, ela que me ensina a falar o patuá.”<sup>4</sup> O cacique Luciano esclarece de onde são os seus pais, “[...] olha, meus pais... vieram da Vigia, da Vigia que veio a minha mãe, de lá que era o pai e a mãe dela. Do meu pai é daí mesmo, Karipuna.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Eu sou a filha mais nova do cacique Luciano.

<sup>5</sup> Vigia fica no Estado do Pará.



Em suas memórias sobre a escola onde dava aulas a professora Verônica, o cacique Luciano esclarece que era proibido falar o “patuá”, eram obrigados a falar em português, se fossem ouvidos falando o patuá, eram castigados com “régua”, “palmatória”, “caroço de milho” e inclusive com “ralo de mandioca”, recorda que a professora era muito “braba”:

Português, ninguém podia falar o patuá se fosse falar o patuá nós era castigo. Desde esse tempo... foi por isso que nós não aprendemos a falar o patuá, nós de Santa Isabel, então desde tempo ela... se eu fosse atrás de falar o patuá com ela e ela escutasse nós dois falando o patuá, era um castigo muito grande pra nós. Nós apanhava que só! Apanhava, não era... apanhava mesmo! E era de régua, de palmatória, botava de joelho no caroço do milho, ela usava, ela mandava usar até o ralo de ralar mandioca, você ficava de joelho nele, ela era braba, braba!

Explica que para a comemoração tinha também a participação do pajé, quando ele realizava um canto, o pajé era o único que podia falar e cantar no Kheoul: “um canto sim, olha, cântico, é um cântico indígena, que o pajé que cantava!”, “[...] olha, ele tinha o direito de cantar no kheuol, só ele que não era impedido de falar o kheuol.” Afirma também que antes da comemoração do “Dia do Índio” primeiro sempre tinha uma programação de uma equipe, com um professor e as lideranças que iam falar, dar palestra pra toda a comunidade, após essa programação, iam dançar o Turé, nesse momento que tinha o cântico do pajé no “Dia do Índio”.

Depois de hastear a bandeira o cacique explica que havia uma “palestra”, após hastear são escolhidas pessoas da comunidade, um professor e o diretor para falar sobre a importância do “Dia do Índio”. Sobre essa palestra ele explicou, “Olha, quem fazia a palestra do dia 19 de abril era o Manuel Primo Santos, que era o cacique da Aldeia Santa Isabel, depois vinha a professora, e depois ela tirava um aluno que fazia a palestra.” O senhor Manuel Primo Santos foi um dos líderes mais antigos da Aldeia Santa Isabel, era conhecido como seu Coco, ele tinha um comércio onde todos compravam suas mercadorias, já a professora Verônica mencionada pelo cacique foi uma das primeiras que ensinou ainda em tempos de Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nas primeiras escolas que atendia aos povos indígenas da região, sobretudo entre os Karipuna. A comemoração do dia 19 de abril acontecia todos os anos. Na sequência da comemoração tinha início as brincadeiras, o cacique explica que quem fazia as brincadeiras era a professora juntamente com os alunos, “Primeiro fazia a Dança do Turé né, depois fazia arco e flecha, assim que fazia as brincadeiras, como até hoje acontece.”

O cacique Luciano informa que a comemoração do “Dia do Índio” foi uma data trazida pela professora Verônica (Foto 1) com a parceria do SPI, “foi juntamente com o SPI”. Quando perguntei a ele quem tinha introduzido essa comemoração entre os Karipuna na Aldeia Santa Isabel, sua resposta foi clara: “olha, eu não sei como foi, mas eu sei que... quando me entendi já vinham comemorando o dia do índio, assim continuaram comemorado o dia do índio até hoje”. O cacique acredita que foi o SPI que criou essa comemoração entre os índios do rio Curipi, “foi o SPI”, esclarece que o SPI era um órgão que trabalhava com os indígenas, no passado foi mandando dois funcionários para trabalhar nos postos indígenas de Oiapoque, “foi o Eurico Fernandes, depois é que veio o Djalma, aí ele continuou comemorado”.

Foto 1: Alunos Karipuna com a professora Verônica na primeira escola na Aldeia Espírito Santo



RONDON, Cândido M. *Índios do Brasil, das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rio Araguáia e Oiapóque*. v.II. CNPI, Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1953. p.303.

O cacique Luciano explica que ele veio muito jovem morar na Aldeia Manga com 20 anos de idade e que a comemoração do “Dia do Índio” acontecia na Aldeia Santa Isabel e as

pessoa da Aldeia Espírito Santo costumava ir participar, “Fazia tudo, era lá que fazia o dia do índio, era lá que nós morava, lá juntava Santa Isabel e Espírito Santo, tudinho comemorava só em Santa Isabel.” Conforme explica o cacique havia um desfile também, na própria Aldeia Santa Isabel, depois acontecia as brincadeiras, que eram organizadas pela professora Verônica juntamente com a comunidade que tinha como cacique o senhor Manuel Primo Santos, lembra que no dia de 19 de abril todos os indígenas homens se vestiam com o kalembe e as mulheres com suas saias. Nessa festa os homens usavam o “kalembe”, que é uma roupa composta por dois panos de tecido vermelho amarrados na cintura, esse era usado somente pelos homens, as mulheres usavam o “kalembe” de um pano verde, que era também como uma saia. Até hoje o “kalembe” é usado na comemoração do “Dia do Índio” e na festa do Turé.

O cacique Luciano recorda que a festa do “Dia Índio” era programada um mês antes pela professora Verônica que trabalha na aldeia Santa Isabel com 150 alunos, ela fazia uma reunião com os pais e as mães dos alunos para organizar a comemoração que naquela época durava uma semana. Recorda que antigamente o chefe do Posto da FUNAI comemorava junto com a comunidade, sempre participava da comemoração do “Dia do Índio”, dando um apoio na aldeia com a contribuição de um boi para a alimentação. O cacique informa que depois da reunião ficava decidido que iria ter a Dança do Turé. O cacique explica que naquela época as pessoas que iriam participar da Dança do Turé sempre estavam pintadas:

Olha, primeiramente é tirar a tinta, do jenipapo, deixa passar um dia e depois que vai fazer a pintura. Tem várias pinturas que se faz no corpo das pessoas né. Tem como a pintura do kai totxi, o kai totxi quer dizer a casca do jabuti como é.. em cima dele, a pintura que a gente faz em cima da pessoa representando o jabuti. E tem a casca do tamatá que gente chama, que o peixe que faz a mesma coisa, pintura daquele peixe, representando o tamatá, que é o peixe. Tem kuahi, o kuahi é aquele peixinho que a gente conhece que é.... o kruari, também a pintura que a gente faz, que a gente faz no corpo da pessoa, representando aquele peixe, a sucuri mesma coisa, a jiboia, tudo qualquer tipo de pintura representa uma coisa, isso aí que e feito no corpo das pessoas.

Segue a fala do cacique Luciano, destacando a comemoração no passado e hoje, inclusive, apontando as diferenças:

Olha, no passado que... é que fazia o dia do índio, era juntamente a escola. A escola que reunia a comunidade pra gente comemorar juntamente a FUNAI, então nós tínhamos uma professora, o nome dela era professora Verônica. Essa professora trabalhava com 150 alunos, quando chegava o dia 19 de abril um mês antes, reuniam com a comunidade para se organizar para comemorar o dia índio. Então

ela chamava os pais e as mães, fazia aquela reunião e colocava para a comunidade que a gente ia comemorar a semana do dia índio. Convidava o chefe da Funai, aí vinha, fazia reunião, aí o que eles colocavam pra comunidade, ia ter a Dança do Turé, desde esses anos então nós já vinha comemorando a semana do dia índio, que é dia 19 de abril, que aí Funai dava um, todo ano, a Funai dava um boi. E aí a gente comemorava, fazia aquela festa na escola juntamente a comunidade, convidava tudinho a comunidade, fazia um almoço, as brincadeiras juntamente com a comunidade com os alunos. Desde desse ano já se comemorava o dia do índio e, até hoje, mudou um pouco. Hoje a comemoração é, já é diferente, mas desde esse ano já se comemorava com Turé, com toda a comunidade, o pessoal dançava um pouco de Turé e depois dançava o forró, e todos os anos se comemorava o dia do índio, até hoje! Olha, teve bastante, pro dia de hoje teve bastante diferença que naquele ano. O pessoal só comparecia pintado, todo de kalembé, como faz os homens e assim as mulheres. Hoje teve mais essa mudança, hoje é mais com pena, essa coisa antes não era com kalembé mesmo teve essa diferença da escola muito grande! Isso aí.

A professora Ducilene dos Santos da etnia Karipuna foi entrevistada no dia 19 de fevereiro de 2017, ela nasceu em 10 de janeiro de 1967 na Aldeia Espírito Santos e atualmente reside na Aldeia Manga. Ela atua como professora na escola Jorge Laparrá há cinco anos, desde 2013. Ao ser questionada sobre a comemoração do “Dia do Índio” na escola, Ducilene informou que “Durante meu trabalho aqui foi na escola né, comemorava junto com os outros professores, é, pela escola e com os alunos.” Ao perguntar para ela se a comunidade ajudava, a professora afirmou que sim, ainda afirmou que todos os alunos participavam, e que ocorria “uma grande representação, Dança do Turé”. Perguntei-lhe se enquanto professora ela podia fazer suas atividades para comemoração, “Nós como professores junto com o diretor a gente se reunia e agente via a atividade que ia acontecer né, no dia 19.” Perguntei para ela se havia ajuda de alguma instituição, e a professora responde que “Assim ... não ajudava em nada, porque era só a escola mesmo né”. Nessa entrevista afirmou que como professora ela sempre ajudou.

Perguntei-lhe sobre suas lembranças juvenis, nos tempos passados, sobre esta comemoração na Aldeia Manga:

Há, no passado, pro dia de hoje, era mui... totalmente diferente, porque quando eu comecei a estudar aqui na Aldeia Manga eu estudei a quarta série, mas era muito mais... a comunidade participava mais do que como o dia de hoje, dia de hoje... não participa muito, mas na época quando eu estudava, quando eu comecei a estudar na quarta série participava muito, saía muito bom, porque eram a comunidade que faziam né.”

Ao ser questionada de como era a festa, Ducilene disse que a festa era o “Turé”, “Se reunia toda a comunidade, reunia e organizava aí pra fazer a dança do Turé.”, e continua “Antigamente o camarada, quando eles dançavam, eram da tarde até de manhã, era uma festa assim... hoje eles só querem uma apresentação até as nove horas... na época que eu cheguei aqui e estudei..., fazia mesmo.”

A professora Maria Sônia Anika entrevistada em 30 de julho de 2016 lembra que nos anos noventa, quando já era professora na Aldeia Manga, na época era mais a comunidade quem fazia a comemoração, mas a escola participava dessa comemoração do “Dia do Índio”, a escola levava todos os alunos da educação infantil até o ensino médio para participar da Dança do Turé. Os professores sempre estavam presentes, junto com os alunos, a comunidade e com a presença do pajé que era quem realizava os cantos da Dança do Turé no “Dia do Índio”. Sonia lembra que a direção da escola sempre estava envolvida de uma forma para mostrar a importância da cultura indígena, através da Dança do Turé. A Dança do Turé é um momento de agradecimento às grandes conquistas para nosso povo indígena.

Olha, desde quando vim trabalhar pra Aldeia Manga, já era comemorado desde os anos 90, era comemorado. Era muito diferente, a comunidade participava, mais hoje não é só a escola que participa desse movimento. Na época, nos anos 90 até 2000 era mais a comunidade, hoje, é mais a escola. É muito diferente, porque agora o dia do índio é comemorado com jogos indígenas, na época não existiam, era mais a Dança do Turé, e tinha o caxixi de bebida, era assim! O povo assim dançava. Hoje não, é mais comemorado com jogos olímpicos.

A professora Sônia na época de estudante morou fora da Aldeia Manga, só conhecia o 7 de setembro e não comemorava o “Dia do Índio”. Recorda que nessa comemoração na Aldeia Manga, a Funai era sempre convidada para participar da festa. Então, a Funai mandava um funcionário para participar e dar informe sobre as grandes conquistas das terras indígenas. Sônia recorda que o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) foi um órgão muito importante e que participava, sempre estava presente para ajudar no fortalecimento da cultura e da identidade repassando o conhecimento aos povos indígenas.

Não, a Funai, o SPI na época... não o SPI, a Funai na época sempre foi convidada a participar desse dia, sempre tinha um funcionário da Funai que falava sobre as grandes conquistas, pedaço de terras, estão mais... um informe mesmo sobre essas grandes conquistas, então o Turé era uma forma de agradecimento a tudo de bom que aconteceu na aldeia. [...] O CIMI sempre ajudou em forma de conhecimento, mesmo de cultura, importância da cultura para o povo.

O professor Estácio dos Santos entrevistado em 30 de julho de 2016 entrevistado na Aldeia Manga afirma que a comemoração do “Dia do Índio” é conhecida no mundo como dia internacional dos povos indígenas. O dia 19 de abril é uma data quando se costuma comemorar a grande manifestação sobre a cultura dos povos indígenas e mostrar a realidade da comunidade. Segundo o professor nessa época a comunidade trabalhava em parceria com a escola, juntos faziam a comemoração do “Dia do Índio”.

O ex-cacique Carlos dos Santos Anika lembra como acontecia a comemoração do “Dia do Índio” no tempo em que ele era mais jovem na Aldeia Manga. Nessa época a comunidade estava em frente organizando a festa com a Dança do Turé, também tinha o apoio do pajé que ajudava a acontecer uma grande festa no dia 19 de abril. A comunidade realizava essa festa porque não tinha uma escola e nem professor para organizar, e sim eram os membros da própria aldeia que organizavam, dessa forma, havia uma grande participação da comunidade no “Dia do Índio”:

Ah, no passado era comemorado apenas com o Turé, naquele tempo a comunidade não tinham escola, não tinha professor, então os pajé comemorava apenas com Turé, fazia o Turé no dia do índio, é isso. Sim, toda a comunidade participava, não nesse tempo não tinham escola não existia a escola.

O professor Robersoni Anica afirma que quando era realizado a comemoração do “Dia do Índio” a escola e todos os alunos costumavam participar. Nesse dia acontecia uma grande programação com atividades culturais envolvendo várias brincadeiras, era um dia inteiro, a aldeia toda estava em festa. O diretor reunia na escola com todos os professores para organizar a comemoração do “Dia do índio”. Na comemoração do “Dia do índio” alguns parceiros como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas (SEPI/AP) e a Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO) ajudavam dando apoio na alimentação e outros, inclusive o professor informa que o órgão indigenista da FUNAI não interferia na organização, apenas ajudava.

No passado a comemoração do dia do índio, conseguia reunir praticamente toda a comunidade. A escola organiza o evento e a comunidade contribuía com a decoração do lugar do evento, preparava o local do Turé, mulheres se reuniam para preparar o caxixi, bebida tradicional, todos ajudavam, participavam das brincadeiras e dos rituais.

O professor Robersoni fala que sempre participava da comemoração do “Dia do índio”. Nessa data a escola não esquecia de convidar o CIMI, porque é um dos órgãos que

divulga e publica notícias sobre as comemorações dos eventos dos povos indígenas. O CIMI costumava publicar as comemorações na Revista Mensageiro. No passado, no dia 19 de abril, toda a comunidade estava reunida para a comemoração dessa data. A escola estava pronta para fazer a comemoração e a comunidade fazia sua parte de colaboração no organizar o lugar onde iria acontecer a Dança do Turé, as mulheres tinham a responsabilidade de preparar a bebida tradicional, que é o caxixi, e após todos participavam das outras programações.

## **2. A COMEMORAÇÃO DO “DIA DO ÍNDIO” NA ALDEIA MANGA NOS TEMPOS ATUAIS**

A Aldeia do Manga teve grande evolução nos últimos anos devido a tecnologia que vem chegando na comunidade, como por exemplo os novos acessos a comunicação, temos energia, internet e televisão. Isso faz com que os alunos tenham uma nova maneira ou forma de agir e pensar, com outra visão, com novas culturas, deixando de lado o que aprendeu de própria cultura, mas a escola tem como objetivo e responsabilidade de ensinar a não esquecerem as suas origens, mostrando o caminho para fortalecer a cultura indígena.

A escola sempre está à frente para promover as atividades culturais, sejam da comunidade ou como exemplo o “Dia do Índio”, o “7 de setembro”, entre outras datas comemoradas como acontece no Brasil todo. Querendo ou não, a escola se tornou a principal responsável em promover atividades culturais que envolvem alunos e toda a comunidade. É quase impossível haver um acontecimento sem que não haja a participação da escola, como acontece todo ano nas comemorações da semana do índio, quando fica sob a responsabilidade da comunidade em promover o Turé dos mais velhos, mas acaba sendo representado por alunos da escola. A festa da comemoração do “Dia do Índio” hoje praticamente é realizada no local onde fica a escola, em frente do alojamento dos professores do SOMEI, mas no passado essa comemoração acontecia em frente ao centro comunitário conhecido como “casarão”.

A professora Maria Sônia Aniká informa que a Aldeia Manga foi fundada aproximadamente no ano de 1973. Recorda que começou a trabalhar na escola Jorge Laparrá

no ano de 1993. A primeira escola na Aldeia Manga foi fundada no ano de 1978, a escola do Manga, mas a escola Jorge Iaparrá foi fundada nos anos 1990.

O professor Estácio dos Santos fala que Aldeia do Manga foi fundada na década de 1970. A Aldeia do Manga começou a ter uma estrutura com poucas casas entre a década de 70 para 80. Se formando uma comunidade ou uma aldeia, tendo um cacique e outros membros da comunidade. Ele afirma que a primeira escola criada na Aldeia do Manga recebeu o nome de Escola do 1º grau do Manga. A respeito disso, o cacique Luciano informou que quando teve a abertura do ramal do Manga, ligando a Aldeia à cidade de Oiapoque, aconteceu um acidente que levou ao falecimento o palikur Jorge Iaparrá. Assim, a escola do Manga passou a ser chamada de Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá em sua homenagem.

Em suas memórias, o professor Estácio lembra que o “Dia do Índio” na Aldeia Manga foi comemorado na década de 80 para 90. O dia 19 de abril no tempo passado não era parecido com os dias de hoje, houve muitas mudanças porque cada ano vai modificado o jeito de organização, inclusive, muitos indígenas não querem mais participar, só querem ficar assistindo a Dança do Turé:

O dia do índio era comemorado na década de 80 pra 90. [...] Cada ano modifica, dependendo da organização da comunidade, uns participam, uns não participam, uns ficam assistindo e mudando seu jeito de comemorar. Bastante, quando eu era criança e jovem a comemoração do dia do índio mudou muito, bastante.

A comemoração do “Dia do Índio” na Aldeia Manga para a professora Sônia:

[...] acontece desde dos anos 90, quando eu Maria Sônia Anika vim trabalhar na escola da Aldeia do Manga. Na época era muito diferente a comunidade participava em tudo o que ocorria nesse dia de comemoração. No decorrer dos anos 90 até 2000 eram mais a comunidade que organizava, hoje mudou muito, somente a escola que está em frente do dia 19 de abril.

Atualmente é um pouco diferente do que era no passado a comemoração do “Dia do índio”, pois hoje somente a escola que comemora enquanto que no passado a comunidade era quem fazia a comemoração.

Aos ser questionado sobre como é a comemoração hoje na Aldeia, o atual diretor da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, Josimar dos Santos informa que primeiramente se faz uma reunião com os professores do ensino infantil e do ensino fundamental para organizar,



após isso, os professores vão tirar tintas para fazer a pintura corporal dos alunos que irão se apresentar com a Dança do Turé no dia 19. Em entrevista realizada no dia 31 de julho de 20016, na Aldeia Manga, diz que “[...] hoje a cultura está enfraquecendo muito, e só é feito uma representação da dança do Turé”, o diretor informa que “aqui na Aldeia Manga não tem pajé pra fazer a Dança do Turé, a Dança do Turé original!”, argumenta que atualmente “apenas uma representação é feita pela escola, a comunidade não se manifesta, somente a escola que faz a programação do 19 de abril que é o dia do índio.”

A ex-diretora da Escola Jorge Iaparrá, professora Nara dos Santos, que trabalhou de 2011 até 2014 na direção, fala que o dia 19 de abril era comemorado pela escola através de uma apresentação dos alunos, primeiro faziam um ensaio, durante uma semana, para fazer uma representação. Depois, construíam o Laku. Os alunos fazem a Dança do Turé para os pais assistir, nessa apresentação, a direção da escola convida toda a comunidade, com a participação e apresentação do pajé. A professora Nara informa que “[...] era uma apresentação de momento, as crianças começavam primeiro a fazer uma apresentação mais simples, em seguida vinham os alunos maiores e para finalizar vinham os professores fazendo uma rodada de Turé.” Recorda também dos detalhes para a festa: “E as vezes nós fazia uma semana assim de confecção de colares, junto com um programa aqui na escola que havia, que é o Mais Educação, é... os professores faziam junto com os... como é? Monitores, fazia algumas brincadeiras voltadas para as atividades do dia do índio.”

Como professora da escola Jorge Iaparrá desde 2008, eu participo da comemoração do “Dia do Índio” sempre. Nós nos organizamos da seguinte forma, primeiro vamos conversar com os pais dos alunos para que eles prepararem as vestimentas dos alunos, depois os professores ficam com a responsabilidade de organizar a Dança do Turé, mas devido não termos mais pajé na Aldeia, que faleceu há poucos anos, hoje acontece de forma diferente a comemoração. Para essa Dança do Turé acontecer, precisamos convidar um pajé de outra comunidade, mas as vezes o pajé não aceita se não dermos uma contribuição à ele. A Dança do Turé antes acontecia sempre a noite, começava as cinco horas da tarde, primeiro fazia aquela roda para poder lavar os seus pés com gengibre e ia dançar até amanhecer, depois disso eles derrubavam o mastro que fica no centro do Laku. Assim, substituímos a realização da Dança do Turé, para no decorrer de três dias realizar brincadeiras, porque fazemos as brincadeiras com alunos de cada série, por isso que cada

dia tem uma brincadeira com os alunos. No primeiro dia acontece o futebol, no segundo dia acontece o arco e flecha, a corrida livre e, no terceiro dia, a canoagem, a natação e outras atividades. Cada professor fica responsável por uma brincadeira, dessa forma nunca deixamos de organizar essa data que é o dia 19 de abril e que representa nós indígenas. No ano de 2016 aconteceu de forma diferente, não teve mais as brincadeiras, só teve a apresentação da Dança do Kuti. A Dança do Kuti acontece depois da Dança do Turé, quando homens e mulheres dançam juntos em uma grande roda que forma um círculo, no centro do Laku ficam cinco homens com instrumentos, um homem com o maracá e quatro homens são escolhidos para usar as flautas na Dança do Kuti.

O cacique Luciano esclareceu que o “Dia do Índio” é uma data especial, ele comparou com um aniversário porque simboliza o “dia” de comemoração dos povos indígenas. Quando foi perguntado ao cacique como era comemorado esse dia na Aldeia Manga ele falou:

Olha, no dia de hoje é como eu acabei de colocar, é um aniversário! É aí que a gente comemora toda comunidade né, que escolhe um local aí. Lá, naquele local, o centro comunitário, na escola, aí os professores reúnem os alunos, faz todo tipo de brincadeira e atividade da comunidade. Aí passamos o dia todo comemorando, brincando. É assim que se faz nas aldeias.

Segundo o ex-cacique Carlos o 19 de abril é uma data comemorativa no Brasil todo, e nós indígenas adotamos essa data como um dia muito importante para nossa cultura, para ele nessa dia podemos mostrar nossos valores e nossa cultura indígena: “Porque é uma data comemorativa no Brasil todo né, como nós somos indígenas, nosso contato, muito tempo agente adotou essa data e comemoramos o dia do índio todo o dia 19 de abril.” Ele explica que hoje a comemoração do “Dia do Índio” é totalmente diferente dos anos anteriores, esse dia comemorado atualmente mostra a Dança do Turé como apenas uma representação da cultura do povo Karipuna para mostrar as pessoas de fora:

Ah hoje é diferente, hoje a comemoração ela se comemora mesmo o dia inteiro, as crianças participam, a comunidade, as lideranças, os professores é uma organização boa hoje porque tem muita gente pra ajuda a comemorar, vem pessoas de fora, gente da comunidade agente coloca alguma coisa os principais artesanatos exposição para eles verem e compra a gente vai a até a cidade de Oiapoque, é comemorado também no museu dos povos indígenas no Oiapoque. Hoje a comemoração é bem festiva mesmo.

O professor Robersoni dos Santos Anicá fala que o “Dia do Índio” é um dia em que as lideranças estão reunidas com o governo do estado para fazer suas reivindicações através de documentos para melhoria de cada aldeia. O “Dia do índio” hoje teve muitas mudanças devido as religiões que existem e influenciam nas aldeias. Mas a escola conversa com esses líderes religiosos sobre a importância da cultura e de tudo aquilo que nos representa como indígenas, como nossa Dança do Turé e a língua indígena. O papel da escola nas comunidades indígenas e o incentivo e fortalecimento da cultura através destas datas comemorativas mostra como é importante valorizar os povos indígenas, seguem as palavras do professor Robersoni:

Hoje, o dia do índio, não serve apenas para expor as programações culturais da comunidade, mas serve também para as lideranças fazer reuniões com o Governo do Estado para cobrar melhoria para suas aldeias. Nos tempos atuais a escola não consegue mais contar com todos os alunos por causa das várias religiões existentes na comunidade. Algumas delas não permitem as programações culturais. A escola sempre foi e sempre será a maior incentivadora da prática cultural nas comunidades indígenas. E o dia do índio sempre foi a data ideal para essas manifestações culturais voltadas para o fortalecimento, revitalização e valorização das culturas desses povos.

No ano de 2015 ocorreu o primeiro Fórum para comemorar o “Dia do índio” entre os povos indígenas do Oiapoque, sendo realizado na Aldeia Kumarumã. O segundo aconteceu na Aldeia Manga no ano de 2017, conforme as fotos 2 e 3 mostram. Este Fórum surgiu da iniciativa de Frederico de Oliveira (Funai) e do cacique Galibi-Marworno Paulo Silva, que era na época o presidente do Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque (CCPIO), em parceria com a Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas (SEPI/AP), do governo do Estado, e tem como objetivo fazer uma reunião dos povos com a realização de um “churrasco”.

Perguntei ao cacique Luciano de que forma e quando surgiu essa ideia do Fórum, ele me esclareceu que durante a campanha para governador do Estado do Amapá no ano de 2014, o sr. Valdez Góis prometeu fazer se ganhasse a eleição um encontro, um Fórum, para reunir os povos indígenas, inclusive, prometeu que caso ganhasse as eleições faria um “churrasco” para receber os caciques em sua residência na cidade de Macapá. Assim, percebe-se que o “Dia do Índio” tem nova comemoração, outra maneira de comemorar o

dia 19 de abril reunindo todas as etnias do Amapá, isso mostra como os povos indígenas do Amapá estão articulados politicamente para manifestar seus direitos.

Foto 2: II Fórum Indígena do Amapá, Cultura, Direito e Cidadania, realizado em 19 a 21 de abril de 2017 na Aldeia Manga



Fonte: Professora Delfina Oliveira dos Santos, 2017.

Foto 3: Dança do Turé, realizada na abertura do II Fórum dos Povos Indígenas do Amapá, em 19 de abril de 2017, Aldeia Manga



Fonte: Professora Delfina Oliveira dos Santos, 2017.

Assim, nesse ano de 2017, o “Dia do Índio” foi um pouco de tudo, aconteceu uma reunião entre lideranças indígenas e não indígenas e também um momento de brincadeiras e atividades comemorativas para nós povos indígenas. Nessa mesma comemoração do ano de 2017, ocorreu a Dança do Turé na Aldeia Manga, foi realizada pelos alunos da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, com a participação do pajé Raimundo Iaparrá.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comemoração do 19 de abril na Aldeia Manga, tema desde estudo, aborda como acontecia o “Dia do Índio” entre os Karipuna no tempo passado e como acontece no presente. Percebemos que era uma comemoração diferente dos dias atuais, pois houve muitas mudanças na realização deste evento ao longo dos anos. Até a chegada do século XXI toda a aldeia organizava sua festa comemorativa, a partir dos anos 2000 a escola principalmente começou a organizar esse evento. Nos últimos anos a comunidade vem dando valor a essa comemoração do “Dia do Índio”, inclusive, no ano de 2017 foi a comunidade quem mais apoiou e ficou à frente da organização de toda a festa, seja na preparação do caxixi, da alimentação, na montagem do Laku, na organização do espaço, etc.

No passado a comemoração do “Dia do Índio” se constituiu numa grande festa feita pela comunidade. Segundo meus entrevistados, essa comemoração acontecia o dia inteiro e avançava pela noite até o amanhecer, onde todos dançavam o Turé. Durante os últimos anos a comemoração do dia 19 de abril era feita apenas pela escola com uma apresentação da Dança do Turé e Kutí, feita pelos alunos da escola como representação por não ter mais pajé. Podemos dizer que no último ano isso mudou com a realização do Fórum na Aldeia Manga, a comunidade voltou a se interessar na organização da festa, inclusive como exemplo desse envolvimento cito a ação dos jovens que fizeram a decoração e ornamentação da comemoração em 2017. O cacique Luciano em reunião feita na comunidade explicou que a comemoração de 2017 deveria ser organizada pela comunidade e escola, e não somente pela escola, porque somente a escola não daria conta da realização do Fórum como evento comemorativo do “Dia do Índio”.

O dia 19 de abril é uma data comemorativa que mostra que estamos lutando por nossas conquistas, é um dia de festa, danças e brincadeiras, um momento em que todas as

etnias estão juntas comemorando. O 19 de abril representa nossas vitórias e conquistas pela igualdade na sociedade envolvente, mostra nossa cultura indígena e os direitos conquistados, por sinal, essa data simboliza nosso agradecimento e manifestação em homenagem ao nosso dia, ao “Dia do Índio”.

O “Dia do Índio” para os Karipuna é muito importante, ele marca com uma comemoração diferenciada o nosso calendário escolar que respeita nossa cultura junto da Secretaria de Educação. Nossa comemoração do 19 de abril é diferenciada sim, as escolas não indígenas costumam fazer uma demonstração para o “Dia do Índio” distante da nossa realidade indígena, como se o índio fosse um ser selvagem. Já a escola indígena faz uma comemoração que mostra nossa realidade de vida, nossos costumes e tradições dos antepassados, nesta comemoração está a nossa cultura dos povos indígenas, nesse dia mostramos o que nós somos, que somos indígenas. A cultura indígena nesse dia é muito valorizada, quando estamos nos preparando para fazer a festa, os pais e professores ensinam como fazer os artefatos da comemoração do “Dia do Índio”, os alunos mais velhos ensinam os mais novos, se aprende a fazer roupas (kalembe), colares (kolie), coroas (kuhun), butxe, um efeite que é colocado na coroa que costuma fazer um barulho quando a pessoa dança, arcos (nak) e flexa (fléx), como montar nosso Laku, como produzir nossa bebida que é o caxixi (kaxihi), isso faz parte do nosso calendário indígena, ensinar aos nossos alunos e jovens que somos um povo que respeita a nossa história e nossos saberes indígenas.

O “abril indígena” é um momento para reunir todas as organizações indígenas, contando com o apoio de inúmeras instituições, como a FUNAI, o CIMI, entre outras. Esse movimento chamado “abril indígena” é um momento para os grupos indígenas reivindicar melhorias para as comunidades indígenas, destacando os problemas que enfrentam com terras que não estão demarcadas ou ainda com a invasão de terras por garimpeiros, o “abril indígena” é um momento para solicitar melhoria na saúde, na educação, entre outras demandas. Em Brasília é o período em que os povos indígenas se reúnem juntos e se encontram com senadores e deputados para dialogar, solicitar que atendam a cada demanda, resolvendo de maneira mais objetiva os problemas para cada povo em cada Estado. Esse movimento tem como objetivo combater o preconceito e a discriminação, durante a campanha no mês de abril a mobilização dos índios e a valorização da identidade indígena é ressaltada com a nossa cultura de união das organizações indígenas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Cristina de Jesus Botelho. *A comemoração do Dia do Índio: das cerimônias oficiais do SPI às celebrações na TV*. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org). *Memória do SPI: texto, imagem e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910 – 1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2011.

BRASIL, Decreto-Lei n.º 5.540, de 2 de junho de 1943. Considera 'Dia do Índio' a data de 19 de abril. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De15540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De15540.htm). Acesso em: Dez. 2015.

RONDON, Cândido M.. *Índios do Brasil, das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rio Araguáia e Oiapóque*. v.II. CNPI, Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1953.

TURÉ, *dos povos indígenas do Oiapoque*. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do índio, IEPÉ, 2009.